

Ribeiro  
Maio 1944.

MUZAMBINHO  
sua História e os  
seus Homens



## CAPITULO II

Pela sua prodigiosa capacidade de trabalho, Magalhães, Bueno, Matias, Machado, Araujo, Correia, tiveram a satisfação de, em 1878, a 12 de Novembro, saber a sua freguezia elevada à categoria de Vila, com a denominação de Vila de Muzambinho, formando um termo com as freguezias de Dôres de Guaxupé e Santa Barbara das Canôas, hoje Guaranesia, desmembrada do municipio de São Sebastião do Paraíso.

Cesario Coimbra tinha nesse dia um vivo fulgor nos seus olhos bondosos, refletindo a imensa alegria de que estava possuido. Exultava, fazendo exultar cada canto de sua vivenda cheia, então, de inúmeros amigos que se congratulavam. Êle que era e deveria ser um dos grandes pioneiros das grandes emprêsas de Muzambinho.

Tôda a Muzambinho, agora pequena cidade, estava em festa.

No "largo", os negros escravos aproveitando o ensejo, com a permissão dos seus patrões, deixavam os seus rudes trabalhos, e para ali vinham zambubar. O "congo", sua dansa tradicional e que tanto caracteriza o negro do Congo Africano Português, distinguindo-o, nessa grotesca manifestação de arte, do negro de Moçambique, tinha lugar ali no "largo" com todo o seu espathafatoso e bizarro aparato: Indumentaria uniforme, mas de côres berrantes; a "embaixada" à carâter com o seu respectivo rei, rainha e juizes, entronizada numa espécie de palanque erguido no meio do "largo".

Ante tais autoridades, embaixo, dispostos em duas filas, os negros mais velhos precedidos dos mais novos, ao ritmo surdo do ribombo e tribombo dos bombos, cantavam com palavras confusas e voz rouquenha extranhas e dolentes melodias. Pareciam impressionantes trenos, gritos de agonia, tanta a sua infinita tristeza, quando, para finalizar, os "zambos", quasi todos crianças, emitiam finissimos agudos fazendo um dolorido duêto que ecoava pelos cantos da vila, como ecoam dentro em nós os nossos profundos sentimentos. Depois, bamboleando, gingando e retorcendo o corpo, êles levantavam nuvens de pó do chão, tantas as contorsões que faziam para dansar. O ritmo, ainda que exquisitesimo, era mais ou menos harmonioso em conjunto e, particularmente, expressivo. E essa pesada ginástica de contrações corpóreas e gritos assoalhavam pela noite a dentro. Suarentos, os negros não demonstravam cansaço. Antes até, entusiasmavam-se cada vez mais.

Na vila de Muzambinho, onde melhor se dansava o "congo", cuja festa, "congado", consagrada à Nossa Senhora do Rosario, se realizava todos os anos em Outubro, era apreciadissima pelas principais familias da vila. Era, depois das "cavalhadas", a festa mais acatada do Brasil Imperial. O mesmo não acontecia com a dansa dos "maçambiqueiros", negros da Costa, assim vulgarmente conhecidos. A sua dansa, semelhante ao "congo", conhecida por

“maçambique”, possuía um número diminuto de admiradores porque dançavam com uns guizos atados aos tornozelos e se organizavam mal, tanto para dançar como para se vestir. Vestiam-se muito mal.

As “cavalhadas”, em Muzambinho, tinham na pessoa do sr. Ananias Bueno o seu maior organizador e animador.

Ele é filho natural daquela cidade, e toda a sua família está ligada à fundação de Muzambinho.

Os ascendentes dos Bueno, desde os mais remotos dias de Muzambinho, sempre foram, por temperamento, aproveitadores das energias da gleba.

A primeira e última vez que procurei o sr. Ananias Bueno para pedir-lhe que me relatasse alguns fatos longínquos de sua remota Muzambinho, quando ele ainda, com ela, esbanjavam primaveras, tive a impressão de que voltaria com o meu “picuá” vasio...

Fí-lo senhor do meu objetivo, logo de entrada. Ele, já bastante velho, otogenário, esguio de porte, de rosto comprido e moreno, de olhos bondosos e já meio esmaecidos, de neve nos cabelos, porém, cáldo de espirito, olhou-me com alguma desconfiança. Era natural a sua atitude de precaução, não só como velho mineiro, mas, também, pela sua educação austera e doméstica, tôda adquirida ali em contacto com aquela terra que o vira envelhecer desde menino, trabalhando para que ela produzisse.

O casarão de sua herdade, na assomada de uma montanha, antigo e velho, de beirais corridos, de portas e janelas esguias, de piso de táboas largas, tudo, porém, muito sóldo e confortavel, tem muito de sua personalidade.

A-pesar-de sua idade avançada, os anos não conseguiram dele a mais suave lordose.

Diante de mim, perfeitamente teso, apoiava-se de leve, mais por hábito talvez, numa bengala de sua propria manufatura, envernizada pelo uso.

Tentei várias perguntas, e quando as repetia, procurei simplificá-las o mais possível. Mas a desconfiança ainda perdurava! Que fazer? Voltar sem nada ter conseguido? Não. Ele, um velho passado de Muzambinho, uma espécie de reliquia rural do municipio, era um achado! Muita coisa poderia me contar. Era preciso, porém, descobrir o seu “fraco”. E o consegui com muita felicidade. Pois, quando lhe falei em “cavalhadas”, os seus olhos se encheram de uma luz vivíssima, e eu tive a impressão de o ter remoçado uns cincoenta anos. Não mais teve um gesto de desconfiança, não mais se descartou, culpando a sua bôa memória, não mais teve uma propositada expressão lacônica. A sua lingua como que desandou. E principiou com a desenvoltura de um moço, a contar como eram organizadas as “cavalhadas” em Muzambinho.

Ao tempo do Brasil Imperial, essa festa era a nota altiloquente da sociedade brasileira. Era esperada com ansiedade e entusiasmo, como hoje o é o carnaval.

Em Muzambinho, segundo o Sr. Ananias Bueno, procurava-se estilizá-la bem afim de lhe emprestar aquele ardor das lutas religiosas entre cristãos e mouros. Realizava-se comumente em Setembro, e era consagrada ao Divino.

Era tida, em todo o Sul Mineiro, como a melhor, dada a sua fina organização e suntuosidade das indumentárias dos cavaleiros.

A jûta simulada assim se verificava em Muzambinho. E o Sr. Ananias, pródigo em mímicas e gestos, comentava: — Os cristãos, sob o seu comando, levavam calças brancas e túnica pretas. Os mouros, dirigidos por José do Carmo, vestiam também calças brancas e túnica vermelha. Fardamento completo e do melhor tecido.

Em cada “castelo” doze cavaleiros vigiavam. Observando os menores detalhes, e prontos para realizar as “cavalhadas”, cada cavaleiro custava três contos de réis para mais.

Realizavam-se no "largo", hoje Praça Dr. Americo Luz. E o mais inventado caseiro para ali corria. Era um alvorôço. A cidade toda ali vinha palpitar de alegria! Os camarotes, construidos a proposito, dispostos em dois semi-circulos, ficavam cheios!

— Como se iniciava a luta, Sr. Ananias? — Perguntei-lhe muito interessado.

— Primeiramente, os cristãos se arremetiam sôbre os mouros para arrebatar a nossa rainha, que êles raptaram.

Figurava sempre como rainha a filha de D. Cesarina.

No primeiro encontro, ambos os "castelos" serviam-se da lança duas vezes, arma esta sempre munida de uma "choupa" na ponta. Simulava-se esse ataque por meio de um jogo com a lança em tórno do corpo, depois do que a entregavamos aos pagens, quasi sempre garotos pretinhos.

No segundo encontro, a arma usada era a garrucha com polvora. Cada cavaleiro trazia um par dentro do seu respectivo coldre: um, na cintura e o outro na cabeça dos arreios. Delas serviamos-nos duas vezes também.

No terceiro encontro, manejava-se a espada duas vezes. E seis ferimentos se verificavam: dois de lança, dois de fogo e dois de espada.

Vinha depois o "florão", que constava de uma carreira de espada em riste. Os "castelos" se entretinham numa acirrada ameaça, momento em que os soldados se encastelavam para o descanso. O "florão" se realizava em todos os choques, ou melhor, em todas as carreiras.

Vinha, por fim, a quêda do "castelo" dos mouros, e a "carreira grande", chamada, também, da amizade. E' mais conhecida, porém, por "carreira do divertimento". Nesse momento, mouros e cristãos se desfilavam intercaladamente. Os "castelos", então, vibravam de contentamento à decretação da anistia. Os cristãos, sobretudo, pela conquista de sua filha.

Por último, realizava-se o batismo da rainha.

Assim é que fazíamos as "cavalhadas" em Muzambinho. Bons tempos aqueles! Mas tudo passa! — fêz o Sr. Ananias olhando, pela janela, um sol frio e velho, cujos cilios já se diluiam no âmbar da tarde que morria.

Tive a impressão de que aquele velho bondoso teve desejo de descobrir naquela velhice aurícoma do sol, um passado que foi muito seu — a sua mocidade!

E a sua bengala deixou de ser lança, garrucha, espada, para ser apenas a bengala de um ancião!

E a tarde passou, mas voltará, fazendo a mesma trajetória. E o homem moço passou também, mas só voltará pela trajetória de sua geração!...

\* \* \*

Na organização do "congado" pode-se inferir o senso de obediência e a reverência que o negro tinha para com as autoridades brazonadas.

Todavia, tanto no "congo" como no "moçambique" verifica-se a verdade d'ô que Frederico Muller disse a respeito do retrato psicológico do negro. Vale a pena transcrevermos uma facêta dêsse retrato: "O negro — diz o illustre etnologista — é, em todas as coisas, um sensitivo, em que a fantasia domina. O fundo do seu temperamento é uma serenidade expansiva. E' a esta fantasia sem freio que deve o seu amor aos enfeites e à sua frivolidade, assim como o seu gôsto pelos espetáculos e pela dança. Êle esquece as suas preocupações com as suas penas e se reconcilia com a sua sorte triste".

\* \* \*

Em casa do Cel. Cesario tudo já era quietude, e a voz do "congo" ainda vibrava no ar daquela noite outubrina, sustentada pela tristeza e pela fantasia do negro.

Partilhava êle, infrene, da alegria que pôs em borborinho toda a vila, levado pelo seu temperamento, ocultando alguns, porém, no momento, esta fraqueza psiquica que os entibiava até a morte: o "banzo".

E êle, causa última de tal acontecimento, aquele que uma sorte amarga destinara para lutar contra a terra inculta, sob o comando do vil açoite, não podia compreender, jamais compreenderia, porque era inculto como a terra que cultivava, que êle era, também, a razão de ser de todo aquele alvo-roçante regozijo. Dansava, apenas porque neie estava a dansa. Cantava, apenas porque em sua alma morava uma intensa melancolia.

A flor transplantada quasi sempre morre!

A vila de Muzambinho dormia sob a lamentosa voz do "congo". A lua já tocava quasi ao término de sua eterna trajetória.

Lá pelas bandas do "Brejo Alegre", os negros menos habilitados para o "congo", uns de cócoras fumando, outros alto cochilando, à frente de seu tугúrio, pareciam aguardar a volta dos seus companheiros que tomaram parte na "congada".

Êsse lugar e outros semelhantes constituíam como que o "mucambo" ou "mucambinho" dos negros. Para Muzambinho, do tempo do Imperio, era apenas o local onde êles pacificamente moravam.

"Mocambo" ou "mocambinho" significa habitação ou lugar escolhido pelos negros foragidos para se occultarem dos "capitães-do-mato" ou dos capatazes da fazenda. E' uma espécie de "quilombo" mais atenuado no seu contingente pessoal e na sua organização.

\* A palavra Muzambinho, a nova denominação da vila, deve ter tido a sua origem naquelas duas palavras, sobretudo na ultima, diminutivo da primeira. Pode, também, proceder de "mozambo" ou "moçambo", outra palavra de origem africana, mesmo porque proximo à vila existe um rio com êsse nome, pronunciado comumente pelo povo — *muzambo*, palavra que batizou a baía da costa oriental da Africa, provincia portuguesa de Moçambique. Portanto, a palavra Muzambinho só pode provir de uma dessas palavras, por via de uma corruptela, de vez que não ha outra fonte de onde ela possa ter vindo. E' mais provavel que ela proceda de "mocambinho" porque nessa época muita gente referindo-se à vila, dizia: "*Mocambinho*".

Não obstante, estava assim materializada mais uma aspiração do povo da primitiva São José da Boa Vista: elevara-se, afinal, sob os auspícios do grande chefe do partido liberal, Cesario Coimbra, a localidade à vila com foro, sob a denominação de Muzambinho, um rico municipio que surgia.

E' interessante, em seguida, pela sua forma, a transcrição da ata pela qual se processaram os trabalhos de pòsse e instalação do novo municipio, quando, dois anos e alguns meses mais tarde, se verificou a elevação da vila à categoria de cidade.

Cesario Cecilio de Assis Coimbra aparece, naturalmente, como o vereador mais votado pelo novél municipio, e, logo depois, um dos primeiros presidentes da Câmara: *No ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e oitenta e um, quinquagesimo anno da Independencia do Imperio do Brasil, aos nove dias do mez de Janeiro do dito anno, nesta cidade de São José do Muzambinho, Comarca, Provincia de Minas, onde foi vindo o tte. cel. Luiz Antonio de Moraes Navarro, Presidente da Câmara Municipal da Cidade de Cabo Verde, e juntamente os Vereadores da mesma Camara tte. Francisco de Paula Machado de Araujo, Dr. Joaquim Rodrigues de Carvalho, (1) Carlos Miguel do Prado e José Francisco Maia, comigo Secretario da mesma diante nomeado e sendo ahi presente o grande concurso de cidadãos declarou o Presidente que tendó sido esta Freguezia elevada a Municipio pela lei n.º 2500 de 12 de Novembro de 1878, Art. 1.º § 10º, e ultimamente na sessão do corrente anno elevada a Categoria de Cidade, com*

(1) Apelidado por Dr. Nariz.

A denominação de Cidade de Muzambinho, comprehendendo as freguezias de Dóres de Guaxupé e Santa Barbara das Canóas com suas competentes divíãs, e havendo-se procedido a eleição dos Vereadores que devem compor a nova Camara em virtude da portaria da Exma. Presidência datada de 11 de Agosto de 1860 à Camara reunida em cumprimento de seu dever visto ter sido designado o dia de hoje para instalação e posse do Municipio e precedendo as formalidades legais convidam os cidadãos eleitos para Vereadores do Municipio segundo a ordem da votação e comparecendo o tte. cel. Cesario Cecilio de Assis Coimbra mais votado segundo a acta da apuração e pondo sua mão direita em um livro do Santo Evangelho e proferiu o seguinte juramento: Juro ao S. Evangelho desempenhar as obrigações de Vereador da Camara desta Cidade, de promover quanto em mim couber para sustentar os interesses do Municipio e a felicidade publica, em seguida compareceram os Vereadores Mizael José Barbosa Sandoval, Capitão Miguel Custodio de Bastos, José Jacintho Pereira de Magalhães, Francisco Antonio Bueno, João Antonio Marques, Quintino Ribeiro de Souza, e José Mariano de Almeida os quaes cada um por sua vez e em seguida pondo sua mão direita sobre o mesmo livro do S. Evangelho pronunciaram o mesmo juramento dizendo em voz alta: — assim eu juro. Declarou o Presidente que deixava de deferir juramento ao Vereador tte. Francisco Bueno de Azevedo por ser incompativel com o seu pae, e por isso chamou o immediato em votos. E para constar mandou a Camara lavrar esta acta de posse e installação e juramento, que assigna com os juramentados depois de lida por mim Boaventura Bardi, Secretario da Camara Municipal de Cabo Verde que a escrevi. (a) Luiz Antonio de Moraes Navarro, Presidente da Camara Municipal de Cabo Verde. (2)

(2) Mais tarde, já nos últimos anos da Monarquia, Barão de Cabo Verde.